

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE ARTE NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL *TAPI'ITÁWA* DO POVO TAPIRAPÉ

Koxawiri Tapirapé (PPGECII/UNEMAT) - koxawiriapyawa@gmail.com
Taroko Edmundo Tapirapé (PPGECII/UNEMAT) - edmundotapirape@gmail.com
Mônica Cidele da Cruz (PPGECII/UNEMAT) - monicacruz@unemat.br

GT 4 – EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

RESUMO: Este relato situa-se no contexto de uma prática pedagógica dedicada à arte de dois tipos de peneira do povo *Apyãwa*, nomeadas na língua materna como “*yropema e tope*”. O trabalho aconteceu no período de fevereiro a março de 2020, na escola *Tapi'itawa*, com o objetivo de promover uma reflexão junto aos educandos para fortalecer a forma de confecção da arte dessas peneiras com seus trançados, regras de usos e suas histórias. Para isso, convidamos um dos sábios, o senhor *Taraxo'i*, para conversar e compartilhar com os estudantes os conhecimentos sobre a arte de se confeccionar tais objetos. Neste estudo, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um dos tipos de arte do seu próprio povo, aprenderem a forma de confecção da arte *yropema e tope*. Também aprenderam as regras de uso e as histórias de cada artefato.

Palavras-chave: Povo *Apyãwa*. Arte. Prática Pedagógica. Ensino e Aprendizagem.

1 Introdução

Nosso povo *Apyãwa*, conhecido na literatura como Tapirapé, localiza-se em duas áreas indígenas situadas na região noroeste do estado de Mato Grosso: Terra Urubu Branco, município de Confresa-MT e Área Indígena Tapirapé – Karajá, município de Santa Teresinha-MT. Somamos uma população de aproximadamente 700 pessoas, e falamos a língua Tapirapé, que pertence à família Tupi-Guarani, classificada dentro do Tronco Tupi.

A prática pedagógica aqui apresentado é sobre duas artes *Apyãwa*, *Yropema* e *Tope*, que em português significam peneiras. Esse tema foi escolhido porque poucas pessoas sabem sobre a confecção, a história e as regras de uso desses artefatos, que desde muitos anos, nós, *Apyãwa* (Tapirapé) trabalhamos para fortalecer a prática desses conhecimentos. Compreendemos que desenvolver essa prática pedagógica na escola, aliando teoria e prática, os jovens perceberão a necessidade de continuar mantendo vivos os conhecimentos e aprendizagem sobre essas artes, ou seja, os saberes tradicionais do povo. Franco (2016) nos diz que uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, precisa ser realizada como uma ação consciente e participativa, pois ela nasce da multidimensionalidade que cerca o ato

educativo. Também concordamos com as palavras da autora, e compreendemos que uma prática pedagógica precisa responder ao que foi proposto à turma para a qual foi planejada, de acordo com as finalidades previstas para aquela ação pedagógica.

Nosso povo *Apyãwa* sempre vem discutindo, nas reuniões sobre a escola, a questão da valorização da natureza relacionada com a cultura, porque é muito importante a interação da cultura com a natureza. Dessa forma, o fortalecimento das práticas culturais do povo *Apyãwa* é muito importante, não somente na memória das pessoas especializadas, mas também, como registro escrito por parte dos estudantes.

3 *Yropema* e *tope*: um relato de nossa prática pedagógica

Ao iniciarmos nossa prática pedagógica com a turma de 6º ano, da escola *Tapi'itãwa*, em primeiro lugar, foi apresentado o tema da aula: *yropema* e *tope*. Todos foram consultados se gostariam de trabalhar com esse tema, e com interesse, eles disseram sim.

A partir disso, explicamos com detalhes sobre o assunto proposto, destacando que era importante começar o trabalho, a partir do conhecimento pessoal de cada um para perceber o que cada aluno sabia a respeito do tema. Após essa conversa, explicamos aos alunos que era preciso buscar mais informações com os sábios (as) sobre *yropema* e *tope*. A turma gostou da ideia, achou muito interessante trabalhar dessa forma, compartilhando conhecimento pessoal com os colegas, em relação ao assunto a ser pesquisado. Perguntamos se eles conheciam os dois tipos de peneira, nos respondendo que sim, que todos conheciam. A partir daí, foram descrevendo os nomes dos materiais utilizados para confeccionar tais utensílios, como: *xetywaka*, *ypapytyga*, *inima*, *myryxi*, *rawa*, *ywape*, *ypapytyga*.

Continuando o nosso trabalho, os alunos fizeram questão de comentar os lugares onde se pode encontrar a matéria-prima para fazer as peneiras, como a taboca (*xetywaka*) que se encontra no campo ou no cerrado. A *ypapytyga* é encontrada na mata, o buriti é encontrado em lugar úmido, na beira da lagoa ou na beira do córrego. O algodão era plantado na roça para fazer barbante (*inima*), mas hoje em dia, é comprado pronto no supermercado, porque poucas pessoas plantam e fiam. E também porque a maioria prefere comprar barbante pronto.

Percebendo o domínio por parte dos alunos, sobre o assunto trabalhado, mediamos a organização das atividades, acrescentando o saber de cada aluno, pois o educador é uma peça facilitadora ao aprendizado dos alunos, como nos diz Paulo Freire (1996). Assim percebemos que o ensino contextualizado e com liberdade oferece vantagem aos alunos no

momento de se expressarem e compartilharem conhecimentos com os demais colegas da turma. O papel do educador ou da educadora, como mediador (a) do processo de ensino-aprendizagem é fundamental, pois cabe a ele (a) “mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela, ou não” (BRASIL, 1998, p.47).

Também discutimos e refletimos sobre o uso das peneiras (*yropema* e *tope*), enfatizando a importância da preservação e valorização da natureza para continuidade dos saberes ancestrais do povo *Apyãwa* (Tapirapé), como por exemplo, da confecção das peneiras (*yropema* e *tope*). Explicamos que sem a matéria-prima, os tipos de trançados não seriam praticados, até mesmo outros saberes que estão relacionados à confecção dessa arte *Apyãwa*.

Continuando o debate, os alunos destacaram que os homens não utilizam essas peneiras porque a cultura *Apyãwa* não permite. Porém, esclareceram que os homens podem contribuir, buscando material da mata e na preparação do material para confecção dos objetos. Assim *yropema* e *tope* são confeccionadas para uso exclusivo das mulheres *Apyãwa*, e, desde muito tempo, de acordo com os costumes dos *Apyãwa*, os homens somente produzem as peneiras para uso das mulheres.

Aprofundando e especificando um pouco mais o uso de cada uma delas, mediamos o debate, explicando que na peneira é peneirada mandioca pilada, milho pilado, polvilho, também com a peneira são tirados os cabelinhos das sementes de banana brava (*pako'ã ra'yja rawa*), e os cabelinhos das sementes de *ma'yrapara*. Foi destacado, também, que na peneira é coada a massa de abóbora cozida, é coado mel de abelha e a tinta de urucum. Também com a peneira se seca sementes de melancia, abóbora, milho e outras sementes de frutas. Além disso, a peneira serve para colher algodão, até mesmo serve para colocar algodão que já é fiado. Lembramos, ainda, que na peneira se coloca banana, batata, cará, enfim, tem muitas utilidades. Os alunos lembraram muito bem que as mulheres usam a peneira como instrumento de arma para capturar peixinhos. São conhecimento que sempre estão sendo repassados de geração a geração para as meninas, como forma de preservação e continuidade desses saberes. Ainda quanto ao uso da peneira (*tope*), comentamos que o povo ainda usa esse utensílio em determinadas ocasiões, como por exemplo, na colheita das frutas, na colheita de algodão, se coloca nela peixe assado e carnes que o povo *Apyãwa* consome.

Buscando mais conhecimentos sobre as peneiras, preparamos um roteiro para entrevistar o conhecedor dessa arte, na aldeia *Tapi'itãwa*, o senhor *Taraxo'i*, de 59 anos de

idade. Ele nos falou sobre os tipos de peneira, *yropema* e *tope*, sobre a matéria-prima e o uso desses artefatos.

4 Com a palavra, o mestre *Taraxo'i*...

De acordo com o senhor *Taraxo'i*, o povo *Apyãwa* tem somente dois tipos de peneiras: *yropema* e *tope*. Ele explicou que *yropema* é confeccionado de dois modos: *ea'i'i ma'e*, peneira um pouco mais fechada e *eaho ma'e*, peneira um pouco mais aberta. Disse que *yropemea'i'i* serve para peneirar mandioca seca pilada, porque peneira bem, e com *yropemea ho* se peneira mandioca que não está seca. As explicações de *Taraxo'i* sobre *yropemea'i'i* e *yropemeao* foi algo novo para alguns estudantes, porque não sabiam, até mesmo porque muitos pais não sabem confeccionar.

Em relação a outra peneira, *tope*, ele contou que essa peneira é bem fechadinha. Também destacou a matéria-prima (taboca, buriti, cipó, algodão) utilizada e os lugares específicos onde encontrar. Falou que dentro de *yropema* e de *tope* a criança não pode sentar, não pode colocar na cabeça, para não sofrer consequência em encontrar dificuldade de nadar na água. Se desacreditar esse saber, a pessoa não saberá nadar. Essa informação foi muito interessante para os discentes, pois muitas famílias desconheciam sobre isso.

Após a entrevista, na sala de aula, organizamos e registramos por escrito, as informações adquiridas com o senhor *Taraxo'i*. A produção de texto foi coletiva e na língua *Apyãwa*, os alunos fizeram desenhos dos materiais, mapas da localização da matéria-prima e, por fim, a socialização das atividades.

5 Considerações Finais

Durante a realização da prática pedagógica aqui relatada, pudemos explorar os conhecimentos de mundo dos alunos, a partir de suas experiências de vida, para fazer acontecer o trabalho proposto e planejado, conforme o relato desse texto. Por isso, esse tipo de trabalho é muito importante fazer na sala de aula e fora da escola para que os estudantes não fiquem focados apenas na escrita e na leitura.

Ao trabalharmos fora da sala de aula, os alunos vão praticar outra forma de escrita e outra forma de leitura, como nós fizemos para confeccionar as peneiras *yropema* e *tope*. Fomos deixando a marca no chão com os pés, cortando taboca (*yypapytyga*), preparamos os materiais, onde essa forma de escrita e leitura continuou, e os estudantes nem perceberam se

estava escrevendo e lendo aquilo e sobre aquilo que estava fazendo. Então o jeito de escrever *Apyãwa* que nós praticamos é deixar o rastro no chão, cortar os materiais e preparar para confeccionar os objetos. A forma de ler é localizar os lugares da matéria-prima, ver e conhecer cada material. É dessa forma que os *Apyãwa* fazem leitura do trançado, concentrando-se no tipo de cada um para não errar a forma de trançar.

Em relação às regras de uso de *yropema* e *tope*, nosso objetivo foi compartilhar esse conhecimento por meio de escrita e por meio de oralidade aos nossos jovens estudantes, pois ensinar da forma oral é muito interessante para nós, porque nós *Apyãwa* ensinamos os nossos jovens dessa maneira, desde muitos anos.

Com essas experiências o nosso povo vem passando os seus conhecimentos às novas gerações, para que valorizem suas raízes, se autorreconheçam como *Apyãwa*.

Nesse sentido, o papel do professor de mediador e facilitador é fundamental dentro e fora da sala de aula para que esteja sempre problematizando o seu trabalho para seus alunos. Assim as aulas e os trabalhos ficam mais agradáveis, divertidos e ricos para o aprendizado dos alunos.

Aoxekato!

6 Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FRANCO, M. A. R. S. **Prática Pedagógica e Docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Universidade Católica de Santos (UCS), Santos, São Paulo, Brasil. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.